

REVISTA CINE

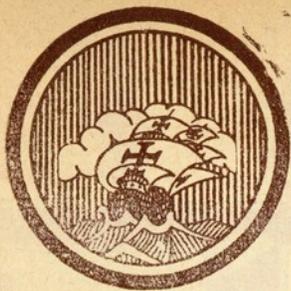
SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA



N.º 159 - AÑO IX

HARRY PIEL

50 CENTAVOS



INVICTA-CINE

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

«SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCELAS»

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO

E

SOUTINHO D'OLIVEIRA

REDACTOR PRINCIPAL

ALVES COSTA

ADMINISTRADOR:

JOAQUIM TEIXEIRA

PROPRIEDADE DA

EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
(PROVISORIAMENTE)
RUA DAS MUSAS, 45
PORTO (Portugal)

ANO IX

Numero 159

PORTO

5 DE MARÇO

1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIP. EMP. DIARIO DO PORTO

REDACTORES:

LISBOA: Fernando Barros
— e Aguinaldo Machado —

PARIS: Daniel Maybon, Robert
Gillard, Geo Poirier e Maurice
— — — Hiléro — — —

NOVA-YORK: Artur Coelho

HOLLYWOOD: Olimpio Gui-
— — — lherme — — —

BERLIM: Simon Haimovici

VIENA: Fritz Miko

ROMENIA: Samuel Steinberg

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VISITE

a NOVA SECÇÃO de

PORCELANAS

da China e do Japão

RADIO-PORTO

AVENIDA DOS ALIADOS, 156 a 162



MADGE EVANS

Uma das mais

formosas

artistas

da

"M. G. M."

duas páginas do livro de Marcel Lapierre sôbre

O CINEMA E A PAZ

O cinema pode, numa certa medida, construir a paz do mundo, mas é preciso que os mestres do cinema o permitam.

O cinema pode, da mesma fôrma, alimentar os ódios e o espirito da guerra. Se os comerciantes de todos os países o empregam para isso, o seu papel será nefasto.

Se, para ganhar dinheiro, os comerciantes fazem filmes que exaltam a guerra, o cinema pôde ser o mais perigoso inimigo da paz.

Então?

Então é preciso que o espectador não se vergue diante das vontades dos mestres do cinema. E' preciso que ele não se julgue no dever de aceitar a ementa que lhe apresentam. E' preciso que ele reaja.

O mestre do cinema, no fim de contas, é o público. E' ele quem paga. E' ele quem faz viver belamente os magnates do filme, é ele quem fornece às vedetas as suas toilettes sumptuosas e as suas brilhantes carruagens.

Ele tem voz no capítulo. Que a use!

Da acção do público dependem a salvação e o futuro do cinema.

Acção do público prevê educação do público. E' preciso fazer esta educação. Quem a fará?

Duma maneira geral é este o papel da critica independente.

Mais particularmente em matéria de pacifismo, é o papel de tôdas as organizações que dirigem campanhas pela paz (associações de antigos combatentes, agrupamentos políticos, sindicatos operários, juventudes, etc.)

Forme-se o espirito do público e registar-se-ão resultados inesperados.

Quando os filmes que glorificam as carnificinas, quando os ignobéis filmes da guerra aérea forem acolhidos nas salas cinematográficas com inextinguíveis protestos, quando o público acolher os filmes provocadores com o grito «Abaixo a guerra»!, os patriões do cinema compreenderão...

Rectificarão o tiro, falarão de outra coisa e será relativamente fácil de os aguilhoar em direcção ao verdadeiro cinema, o cinema universal, o cinema pacificador.

E' preciso pois: dum lado, educar os espectadores do cinema; doutro lado, utilizar o filme para a educação pacifista da criança.

A guerra é um crime tornado possível pela ignorância e o instinto bestial dos homens.

Se o cinema pode formar homens educados e afinados, levará ao espirito de guerra um golpe mortal.

Marcel Lapierre.

Os homens preferem as louras?

Os homens ainda preferem as louras. Mas o que necessitam atualmente é duma ruiva bem legítima, afim de os tirar da letargia, segundo diz Anita Loos, autora da famosa novela «Gentlemen Prefer Blondes».

«Mostrem-me uma ruiva verdadeira em Hollywood,» desafiou-nos Miss Loos.

«Olhamos para todos os lados do restaurante dos estúdios da *Metro* onde nos encontrávamos. As únicas tranças avermelhadas que vimos foram as duma criada.

«Ora! exclamou ela. «Aquela jovem não é ruiva... mas sim uma morena. Sim, eu sei que o seu cabelo é vermelho, mas a sua alma é morena.

A bela escritora, com seus grandes olhos e cabelos negros, encolheu os seus delicados ombros num gesto sem esperança.

«A maior das *vampiras* de todos os tempos foi uma ruiva, a famosa Cleopatra. Fez coisas interessantes, pôs um pouco de pimenta na história. Não havia depressão quando Cleopatra estava no apogeu da sua vida, assim é que tinha o campo livre, — relatava Miss Loos. «Ha sómente duas outras ruivas que se salientaram na história; a rainha Elisabeth e Maria, a rainha dos escoceses. E que impulso elas deram aos acontecimentos do dia naquela época!

A historia moderna falhou em produzir pelo menos uma ruiva famosa. Tinha o meu alvo em Hollywood afim de descobrir alguma, mas nem mesmo foi possível encontrá-la.

«Clara Bow?» aventuramos.

Outro encolher de ombros?

«Clara é loura. Não importa qual seja a cor do seu cabelo. Ela é loura por dentro. Possui uma qualidade de loura comica e psiquica. Ela é expansiva, afetuosa e bondosa.

«A verdadeira ruiva é violenta e dominante. As vermelhas são imperativas. E' lamentavel, mas é verdade, que muito poucas ruivas são bonitas. Uma jovem de cabelos vermelhos é muito rara. E se são bonitas, nada ha que as faça parar. São muito



GRETA GARBO

Faz parte das louras escuras...



CONSTANCE TALMADGE

E' uma das verdadeiras louras de Hollywood...

mais ardentes do que as louras e as morenas.

«Afim de atrair a atenção dos homens, muitas mulheres pintam os cabelos para se tornarem ruivas. Mas não ha maior desapontamento do que uma ruiva falsificada. Perguntem a um homem que conheça uma dessas mulheres.

Miss Loos, vê com certo alarme a variada coleção de louras.

Julga que a loura platina é um produto negativo.

«Nunca houve nem haverá uma outra loura platina como Jean Harlow,» disse-nos ela «Não conheço Miss Harlow pessoalmente mas estou certa de que ela possui uma personalidade de loura.

«O mal da maior parte das jovens é que são inclinadas à imitação. Toda a agua oxigenada do mundo não viraria uma morena numa loura. A alma jamais mudará. As vibrações jamais poderão ser alteradas.

«As louras verdadeiras que existem em Hollywood são: Marion Davies, Constance Talmadge, Lilyan Thasman, Constance Bennett, Tallulah Bankhead e Clara Bow.

Estas tomam as coisas como são, explicou-nos Miss Loos

Na lista das louras escuras (castanho claro) estão Greta Garbo, Mary Pickford, Ann Harding, Marlène Dietrich, Joan Crawford.

«As louras já nascem com o seu temperamento apropriado. São alegres e de um grande ânimo. São frageis, mas não são inclinadas a preocupações. Não tomam a vida a sério. Sem-

(Conclui na última página.)

COMENTARIOS...

UMA inovação interessante:

Durante a apresentação, no Rialto de Madrid, do filme «As Luzes de Buenos Aires» deu-se um incidente curioso. A última parte do filme foi calorosamente aplaudida pelos assistentes, tendo a direcção do cinema ordenado a repetição dessa parte.

Eis uma novidade que o nosso público deve aproveitar. Quando veja que uma cena lhe agrada é aplaudir para que seja repetida. Desta maneira teremos filmes que nunca mais acabam...

O filme «A divorciada» apesar do estupendo trabalho de Norma Shearer não conseguiu chamar a atenção do público. Dir-se-á que este se tinha divorciado essa semana do Aguiá d'Ouro.

Não é de admirar, pois se houve um nosso colega da imprensa diária, que, para demonstrar a retulancia pelo divorcio, nem sequer fez a minima referência ao filme!...

HA um nosso distinto colega que tem a mania dos diminutivos.

E' a Laurinha, é a Silviasinha e muitos mais ..

A proposito, faz-nos lembrar certo programa do Trindade que por baixo duma gravura de Henry Garat, anunciando que se veria este conhecido artista em varios filmes e entre eles «O Congresso que Dança» que seria em breve apresentado nesse salão, dizia o seguinte: Até breve ó Garatsinho.

Tesinho... ficou o Trindade que à última hora lhe viu fugir o filme.

Raramente se poderá vêr um diminutivo com tanta oportunidade...

UMA anedota atribuida a Mussolini por sua própria filha e passada num cinema da provincia de Italia.

No programa figurava uma pelicula de propaganda fascista e na qual aparecia o próprio Benito Mussolini.

Quando este entrou na sala, esta achava-se meio às escuras, e portanto, Mussolini pôde sentar-se sem ser notado.

Ao apparecer o «Duce» no écran todos os espectadores se puzeram de pé segundo o costume em Italia e erromperam em aplausos. O dictador não achou conveniente auto homenear-se, permanecendo sentado.

Semelhaute atitude deu motivo a uma grande revolta por parte do público, tendo o proprietário do cinema, para evitar uma possivel alteração de ordem, sido o primeiro a acercar-se indignadamente.

—Faça o favor de levantar-se.

Depois de restabelecida a tranquillidade, o mesmo que falára tão pouco cortezmente, voltou junto do «Duce» para lhe murmurar quasi ao ouvido:

—Previno-o, amigo, que aqui todos pensamos como o senhor, mas para evitar desgostos, é preferível fazer o que nos mandam.

A cara que então faria o chefe do governo italiano já os nosos leitores calculam...

A revista «Cinema», arvorando-se em defensora do Bata-lha, publicou no seu último número um comentário à nossa secção «Comentários». A notícia foi tão infeliz que teria s'do melhor nada dizerem. Primeiro, porque o autor do citado comentário conhece bem o movimento interno dos nosos cinemas. Segundo, porque o argumento, de não se puder modificar com facilidade os programas, não nos convence. Terceiro, porque a data da estreia do «Rei da Graxa» já há muito era conhecida no Porto, inclusivamente pela própria revista «Cinema». E por último, mesmo que não fôsse propositada a «réprise» do «Rei dos Borlistas» era de toda a conveniencia para evitar «comentários» como o nosso, que a citada «réprise» fosse adiada, no que não haveria grande dificuldade.

Teriamos mais alegações a fazer, mas depois do que fica expôsto achamo-nos desnecessárias.

Sans rancune...

COMO os nosos leitores já devem conhecer, os académicos de Coimbra encontram-se em greve cinegráfica, devido à atitude duma empresa daquela cidade que aumentou o preço das entradas. O mais interessante está na forma como os estudantes resolveram o assunto.



LOIS WILSON

A formidável interprete de «OS FILHOS».

Os académicos preferem ir à Figueira da Foz vêr cinema do que o fazerem em Coimbra.

Vamos dar nota das facilidades que os estudantes arranjaram para puderem levar a dêles ávante.

Tod a pessoa que queira, mediante a quantia de \$500, tem caminheta, sessão de cinema e para finalizar um copo de «carrascão».

Estes estudantes são impagáveis...

Com esta ideia vão simplificar um dos assuntos que mais afflige a economia do nosso país—a crise vinicola...

A propósito dessa «greve», transcrevemos a seguinte carta que recebemos dum nosso leitor:

...«O cinema é a literatura de hoje. Para quê leitura recreativa se temos o cinema que no-la dá com maior amplitude?

Coimbra é a cidade académica por excelência. Qual é o estudante que não lê? E é assim que os dois cinemas cá da terra, vivem da Academia.

Pois muito bem. Iam as coisas neste pé quando o «Avenida» (um bom cinema diga-se de passagem) se lembrou de aumentar os preços. Resultado: Reúnção académica que determinou o abaixamento de preços, não só no excepcional como anda 1\$00 sobre o preço habitual.

Como o cinema em referência cumprisse só metade da pena, conclusão final: a greve.

Só vamos ao cinema por 4\$00!

E é assim que a sapienta coimbrã estudantina se encontra por unânime acordo sem cinema. (Lá perdi agora o Congresso que Dansa).

Só vamos ao cinema por 4\$00!

Porem esta greve segue o seu curso, ao contrário de todas as outras; pois em lugar de policia, pancada e outros «orgãos», se canta o Teodoro não vás ao sonoro à porta desse cinema.

Como este, porem, se vai aguentando com casas ou «enchentes (?)» de 40 pessoas, resolveu-se dar sessões gratis de jornais e documentários na Associação Académica.

Para hoje (realizou-se para isso uma subscrição) pediu-se uma banda de música para executar à porta da citada casa de espectáculos a já acima falada música.

Só vamos ao cinema por 4\$00!

Como vê o caso vai a rir, mas no entanto

Só vamos ao cinema por 4\$00! »

FITAS FALADAS...

Studio Nacional

Para mim não há nada mais irritante do que ter o meu Rolls Royce avariado quando preciso fazer-me pontual a um espectáculo cinematográfico,

No outro dia (lá vem uma história—dirão vocês. Talvez seja um fraco meu, mas acho preferível ter o fraco de contar histórias do que a mania de falar na «Moeda Quebrada», de filmes e de artistas que já passaram de moda.) Mas é verdade. No outro dia precisei do carro para me transportar urgentemente a um cinema. Fui para a garagem e encontrei o chauffeur todo esbofado, debruçado sobre o motor do carro. Estava avariado, sem dúvida. Depois de ter examinado o motor, como nada encontrasse, inquiri do chauffeur o que havia.

—Uma vela estragada.

Tinha remédio, porque eu trazia uma na algibeira. Mas quando regressasse a casa com que alumia a escada? Tive que desistir do transporte automovel. e, na avenida da República, atirei-me para o primeiro «electrico» que passava.

Dentro do carro procurei qualquer coisa que me distraísse durante a viagem, e, passando uma vista de olhos pelos passageiros, encontrei, a um cantinho do carro, uma conhecida artista de teatro que, ainda há pouco, nos apareceu num filme cem por cento português. E como todas as raparigas são vaidosas—até tu, querida leitora—assisti ali, em pleno carro electrico a um desafio de competencia em poses fotogénicas. Claro está que a artista saiu vencedora e, muito severa, como sempre, ao aprear-se na paragem do Parque Mayer, passou por mim, mirou-me o bigode e revirando os olhos deu a compreender que, lá no intimo, formára-se uma frase que não me disse:

—E' para que saibas.

E não temos studio, ó studio... sos.

Um de *Nós* noticiou nos «comentários» do último número da *Invicta*, que Heloisa Clara resolvera abandonar definitivamente a carreira cinematográfica. Pois, para cúmulo, fique sabendo a posteridade—que ha-de fazer a história do cinema português que Portugal possuía três artistas de cinema, e agora não tem uma só estrela que no verão nos—ou vos—obrigue a ir para a praia atrás dela!

Rosa Maria foi para o Alentejo, calculando-

-se que abandonou o cinema, porque leitores que nos tem escrito dizem que esperam, há meses, pelo envio de fotos que lhe pediram.

Saür Ben-Hafid eclipsou-se O Jeremias até está todo ofendido de a Saür não lhe ter retribuido os cumprimentos de Boas Festas que lhe mandou pelo Natal. (O' comadre—aquí para nós. neste parentesis—olhe que a sua afilhada desde o verã de 1931 que não sabe o que são películas Já que não se lembra do seu compadre, ao menos lembre-se da sua afilhada, coitadinha). Uma desgraça!

Agora foi a Heloisa Clara que declarou oficialmente abandonar o cinema. Ainda há poucos dias recebi do Jeremias, que se encontra actualmente em Paris, um postal, do qual transcrevo um trecho.

Referindo-se a umas fotos que lhe envie:

«E' estilo «meudo». Deve ser nervosa e portanto os pesadelos aereos não lhe são recomendáveis. Pode, ainda, correr o risco de um dia se despenhar Pela primeira vez cairia do ceu uma estrela, e isso seria um acontecimento demasiadamente notável para uma terra como a nossa.»

O que me fará êle quando tiver conhecimento desta notícia? Porque eu é que fui o culpado. Andava sempre a dizer-lhe que a estrela da moda era a Heloisa Clara.

Não temos estrelas, mas vamos ter um studio!

Um dos primeiros filmes a ser lá feito, como não há estrelas, será cultural, focando a actividade cinematográfica do studio, tendo por titulo «O que as môscas fazem na parede», tendo as mesmas por interpretes como diria um inacessível camarada de Lisboa.

Douglas Faz... bancos.

De espião a detective...

O nosso amigo e camarada Emilio Loubet, que Vocês certamente conhecem de nome muito bem, um rapaz simpático e alegre, cujo «frontespicio» já por duas vezes veio publicado nesta revista, comunica-nos que tendo suspendido a publicação da revista *Espião*, passa agora a exercer o cargo de chefe de redacção no Porto do semanário *Detective* que Mario Domingues dirige na capital.

FOTOGRAFIA GUEDES

O MAIS COMPLETO ATELIER FOTOGRAFICO
NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350. Telef 2680

“O misterio da casa forte”

A cinematografia germanica, no ano passado, marcou o seu lugar, na directriz da produção universal. Deu-nos filmes de enredo policial, conquistou novamente o mercado e garantiu a si própria o exito. Vimos já nesta época, *Em redor dum inquerito* de Robert Siodmak, *Matou!* de Fritz Lang, a grande concepção técnica do fono-cinema.

Parece-nos retrograda, sob uma nova forma evolutiva, tendente para a perfeição, o actual decorrer do cenário; mas seja como fôr, o certo é que o filme policial, misterioso, cheio de contínuas situações, que criam nervosismo e interesse, parece ter conquistado o público; mas não é já aquêl cinema policial de há duas décadas, com gatunos de barbas compridas, de pistoloão tremendo e de rosto tapado por uma mascarilha misteriosa e ignóbil.

O filme policial do segundo quartel do século XX, tem sempre um motivo psicológico, analisa do fortemente, quer apresentado como uma tara mórbida do personagem protagonista, quer sob a influência dum qualquer mal, sôbre a coletividade. Vinca figuras fortes, com um realismo digno dum Zola, marcando, precisando sempre o tema a desenvolver.

Nesta época um novo filme policial, nos vai ser apresentado. Firma-o um nome de grande valor no mundo cinematográfico, conhecidíssimo e estimado por uma grande pleiade de cinéfilos.

Harry Piel, que realizou *O misterio da casa forte* pertence àquele grupo de realizadores alemães aos quais pertencia Murnau e pertence Fritz Lang; homens que se preocuparam mais com a concepção técnica dos seus filmes, que não tiveram nunca em vista o seu valor comercial, mas procuraram sempre impô-los pelas suas qualidades artísticas; para isso recorreram ao ângulo à, maneira ousada de vêr, à efabulação do cenário de tal modo que permitiu uma maior concepção artística do tema a desenvolver. Assim legaram-nos obras como *A Ultima Tipoia de Berlin*, *Tábu* que dizem-nos ser uma maravilha como filme documentário e ao mesmo tempo a chave de ouro do ciclo brilhante das realizações do falecido mestre alemão; *Matou!*, *Nibelungos*, *Metropolis*, *A morte cansada*, quatro filmes que marcam o u t r a s

tantas épocas do cinema alemão, e obra do mestre fundador duma escola de realizadores, Fritz Lang.

Harry Piel, sobejamente conhecido, sem necessitar de adjectivos encomiasticos, dá-nos com «O mistério da casa forte» a nota do seu valor de realizador fono-cinematográfico. Não é um filme banal, duma vulgaridade irritante como quási toda a produção actual, na qual vista a primeira parte se conhece desde logo o fim do debatido cenário.

«O mistério da casa forte» possui todas as características de «savoir-faire» do realizador. Boa técnica, magnífico découpage, esplendida fotografia servida por magnificos exteriores filmados na paisagem ideal da Suissa, cheias dum encanto que todos os anos ali atraí milhares de turistas de todas as partes do mundo.

Depois o cenário é cativante, uma aventura policial, das que prendem e sugestionam a atenção do público, levando-o com os interpretes através da vida do écran.

E se tais atractivos não bastassem, o nome de Harry Piel, sobejamente conhecido de todos aquêles que não teem no cinema um espectáculo fortuito, bastaria para atrair suficientemente, sôbre êste filme, a atenção do público. Um filme de Harry Piel, como «O mistério da casa forte», vem não só consolidar o nome do realizador, bem como ainda, amenizar a aridês do actual cinema onde todas as produções teem uma vulgaridade excessivamente mediocre; sempre o mesmo galã, sempre a mesma ingénua, sempre o mesmo beijo em happy-end.

Este filme de Piel, vem quebrar esta monotonia, que torna o público indifferente perante o cinema e o afasta destas casas de espectáculos.

Esperamos, pois, que a apresentação dêsta pelicula constitua um successo.



Uma imagem do filme «O mistério da casa forte».

«Huddle» é o título do filme que Ramon Novarro vai começar a realizar para a M. G. M.

—Anibal Contreiras, director de «O Seculo Cinematográfico», de passagem por esta cidade, deu-nos o prazer da sua amavel visita. Ao distincto cinegrafista português, apresentamos os nossos cumprimentos de reconhecimento, pela sua atenção.

CLARA BOW RESSUSCITARÁ?

A "estrêla,, que a fascinação da fama perdeu—Os actos que a levaram a ser "expulsa,, do cinema—De novo ao trabalho

Clara Bow é uma das que a varinha mágica do cinema alcandorou do nada à fama. A sua popularidade atingiu o maximo das vedetas femininas do écran. A antiga garôta dos bairros de Brooklyn, inexperiente quasi, criada pelos reveses da sorte ao Deus dará, grosseira naturalmente, viu-se de uma fôrma inesperada a subir, a sentir-se alicerçada pelo espirito popular das plateias cinegráficas do universo. E se na ascensão lenta mas sensível para a sua consagração foi recatada e tímida, o pináculo dominante transformou-a absolutamente numa mulher fria e leviana, segura da vitória. Esta reviravolta de espirito dá-se geralmente naquêles que vivendo sob uma opressão, atrofiados pela sorte, conseguem um dia disfrutar uma posição de destaque. Então sobe-lhes à cabeça a força da convicção da sua importância e desatam em mil e um disparates e caprichos, imaginando o seu relevo suficiente para os admitir e desculpar. O peor é que o mundo dá realmente, muita volta. E no cinema mais do que em qualquer outra ramificação da vida humana. Isso foi o mal de Clara.

A notável estrêla sabia da necessidade de dar que falar, tão comum em Hollywood, para se manter constantemente à superfície a notoriedade indispensável às vedetas de primeiro plano; sabia tambem, melhor do que nenhuma outra, provocar êsses motivos; mas excedeu-se e de aí o pecar por exagêro, leviandade e imprudência.

Para quem recebia milhares de cartas de admiração, incontáveis protestos de simpatia e de amor, até pessoais, a vida tinha de tornar-se infelizmente um paraíso divertido, com o qual apetecia brincar.

De tôdos os cantos, atraídos pelo *sex-appeal* da nova vedêta começaram a surgir apaixonados.

Com os que vinham lá dos confins do Universo, através da papelada do correio, Clara Bow havia-se facilmente: depois de se rir à vontade sem uma inconveniência ao menos constata-

tável, respondia-lhes com o silêncio ou com uma simples fotografia autografada por impressão gráfica. Mas, o mal eram os da porta. Espirito de garôta, sem fôrça para os desiludir e porque lhe davam um certo prazer (essa satisfação que tôdas as mulheres sentem de ver um homem apaixonado) deixava-os arrastar-se atrás da sua pessoa, saboreando com uma crueldade mesclada

de inconsciência e vaidade, os seus madrigais. Marcava-lhes «rendez-vous» e entretinha-se assim olhando-os prêsos da «estrêla» e pensando talvez consigo. «Se eu não fôsse quem sou, por certo me não amarias assim...»

Clara era uma mulher de cultura rudimentar. Afóra a actividade cinematográfica não a prendia outra coisa; nem mesmo a literatura ou qualquer outro estudo artistico ou científico. Para passar o tempo fazia pois do *flirt* a sua predilecção. O peor foi o alvo das suas distrações converter-se por vezes em tragédia. Bob Sauvage, um rapaz enamorado, depois de várias promessas de casamento, nunca realizados, golpeou os pulsos e deixou correr o sangue. O tresloucado foi para o cemitério e Clara lamentou imenso o gesto do suicida confessando que não achára razão para tal gesto; os seus amores com êle nunca haviam passado duma brincadeira e se se convencera d o contrário, não o fôra culpa sua, acrescentava ela.

O triste acontecimento podia têr pôsto um freio à frivolidade da mulher do dia em Hollywood. Mas não. Ela continuou a mesma róta. Depois de um, outro e outro. Atraíu homens mais notáveis, no cinema, no teatro e até na medicina. Sempre a rir, sempre a brincar, até à imprudência de trocar correspondência deveras íntima na aparência e um tanto comprometedora para a sua pessoa.

Das cartas escritas, algumas são manifestações ridículas que podem muito bem têr sido feitas com a intenção de brigar; mas dadas a público tomam o aspecto de sinceras e caricatas e algo imorais (segundo as Ligas Femininas da Moral).

Era fatal. Mais tarde ou mais cedo Clara viria a sofrêr as consequências dos seus actos e da sua imprevidência. E mal pensára ela que as suas cartas seriam o pômo do seu desequilíbrio. Devem conhecer a questão:

* * *

de inconsciência e vaidade, os seus madrigais. Marcava-lhes «rendez-vous» e entretinha-se assim olhando-os prêsos da «estrêla» e pensando talvez consigo. «Se eu não fôsse quem sou, por certo me não amarias assim...»

Clara era uma mulher de cultura rudimentar. Afóra a actividade cinematográfica não a prendia outra coisa; nem mesmo a literatura ou qualquer outro estudo artistico ou científico. Para passar o tempo fazia pois do *flirt* a sua predilecção. O peor foi o alvo das suas distrações converter-se por vezes em tragédia. Bob Sauvage, um rapaz enamorado, depois de várias promessas de casamento, nunca realizados, golpeou os pulsos e deixou correr o sangue. O tresloucado foi para o cemitério e Clara lamentou imenso o gesto do suicida confessando que não achára razão para tal gesto; os seus amores com êle nunca haviam passado duma brincadeira e se se convencera d o contrário, não o fôra culpa sua, acrescentava ela.

O triste acontecimento podia têr pôsto um freio à frivolidade da mulher do dia em Hollywood.

Mas não. Ela continuou a mesma róta. Depois de um, outro e outro. Atraíu homens mais notáveis, no cinema, no teatro e até na medicina.

Sempre a rir, sempre a brincar, até à imprudência de trocar correspondência deveras íntima na aparência e um tanto comprometedora para a sua pessoa.

Das cartas escritas, algumas são manifestações ridículas que podem muito bem têr sido feitas com a intenção de brigar; mas dadas a público tomam o aspecto de sinceras e caricatas e algo imorais (segundo as Ligas Femininas da Moral).

Era fatal. Mais tarde ou mais cedo Clara viria a sofrêr as consequências dos seus actos e da sua imprevidência. E mal pensára ela que as suas cartas seriam o pômo do seu desequilíbrio. Devem conhecer a questão:

* * *

de inconsciência e vaidade, os seus madrigais. Marcava-lhes «rendez-vous» e entretinha-se assim olhando-os prêsos da «estrêla» e pensando talvez consigo. «Se eu não fôsse quem sou, por certo me não amarias assim...»

Clara era uma mulher de cultura rudimentar. Afóra a actividade cinematográfica não a prendia outra coisa; nem mesmo a literatura ou qualquer outro estudo artistico ou científico. Para passar o tempo fazia pois do *flirt* a sua predilecção. O peor foi o alvo das suas distrações converter-se por vezes em tragédia. Bob Sauvage, um rapaz enamorado, depois de várias promessas de casamento, nunca realizados, golpeou os pulsos e deixou correr o sangue. O tresloucado foi para o cemitério e Clara lamentou imenso o gesto do suicida confessando que não achára razão para tal gesto; os seus amores com êle nunca haviam passado duma brincadeira e se se convencera d o contrário, não o fôra culpa sua, acrescentava ela.

O triste acontecimento podia têr pôsto um freio à frivolidade da mulher do dia em Hollywood.

Mas não. Ela continuou a mesma róta. Depois de um, outro e outro. Atraíu homens mais notáveis, no cinema, no teatro e até na medicina.

Sempre a rir, sempre a brincar, até à imprudência de trocar correspondência deveras íntima na aparência e um tanto comprometedora para a sua pessoa.

Das cartas escritas, algumas são manifestações ridículas que podem muito bem têr sido feitas com a intenção de brigar; mas dadas a público tomam o aspecto de sinceras e caricatas e algo imorais (segundo as Ligas Femininas da Moral).

Era fatal. Mais tarde ou mais cedo Clara viria a sofrêr as consequências dos seus actos e da sua imprevidência. E mal pensára ela que as suas cartas seriam o pômo do seu desequilíbrio. Devem conhecer a questão:

* * *

de inconsciência e vaidade, os seus madrigais. Marcava-lhes «rendez-vous» e entretinha-se assim olhando-os prêsos da «estrêla» e pensando talvez consigo. «Se eu não fôsse quem sou, por certo me não amarias assim...»

Clara era uma mulher de cultura rudimentar. Afóra a actividade cinematográfica não a prendia outra coisa; nem mesmo a literatura ou qualquer outro estudo artistico ou científico. Para passar o tempo fazia pois do *flirt* a sua predilecção. O peor foi o alvo das suas distrações converter-se por vezes em tragédia. Bob Sauvage, um rapaz enamorado, depois de várias promessas de casamento, nunca realizados, golpeou os pulsos e deixou correr o sangue. O tresloucado foi para o cemitério e Clara lamentou imenso o gesto do suicida confessando que não achára razão para tal gesto; os seus amores com êle nunca haviam passado duma brincadeira e se se convencera d o contrário, não o fôra culpa sua, acrescentava ela.

O triste acontecimento podia têr pôsto um freio à frivolidade da mulher do dia em Hollywood.

Mas não. Ela continuou a mesma róta. Depois de um, outro e outro. Atraíu homens mais notáveis, no cinema, no teatro e até na medicina.

Sempre a rir, sempre a brincar, até à imprudência de trocar correspondência deveras íntima na aparência e um tanto comprometedora para a sua pessoa.

Das cartas escritas, algumas são manifestações ridículas que podem muito bem têr sido feitas com a intenção de brigar; mas dadas a público tomam o aspecto de sinceras e caricatas e algo imorais (segundo as Ligas Femininas da Moral).

Era fatal. Mais tarde ou mais cedo Clara viria a sofrêr as consequências dos seus actos e da sua imprevidência. E mal pensára ela que as suas cartas seriam o pômo do seu desequilíbrio. Devem conhecer a questão:

* * *

de inconsciência e vaidade, os seus madrigais. Marcava-lhes «rendez-vous» e entretinha-se assim olhando-os prêsos da «estrêla» e pensando talvez consigo. «Se eu não fôsse quem sou, por certo me não amarias assim...»

Clara era uma mulher de cultura rudimentar. Afóra a actividade cinematográfica não a prendia outra coisa; nem mesmo a literatura ou qualquer outro estudo artistico ou científico. Para passar o tempo fazia pois do *flirt* a sua predilecção. O peor foi o alvo das suas distrações converter-se por vezes em tragédia. Bob Sauvage, um rapaz enamorado, depois de várias promessas de casamento, nunca realizados, golpeou os pulsos e deixou correr o sangue. O tresloucado foi para o cemitério e Clara lamentou imenso o gesto do suicida confessando que não achára razão para tal gesto; os seus amores com êle nunca haviam passado duma brincadeira e se se convencera d o contrário, não o fôra culpa sua, acrescentava ela.

O triste acontecimento podia têr pôsto um freio à frivolidade da mulher do dia em Hollywood.

Mas não. Ela continuou a mesma róta. Depois de um, outro e outro. Atraíu homens mais notáveis, no cinema, no teatro e até na medicina.

Sempre a rir, sempre a brincar, até à imprudência de trocar correspondência deveras íntima na aparência e um tanto comprometedora para a sua pessoa.

Das cartas escritas, algumas são manifestações ridículas que podem muito bem têr sido feitas com a intenção de brigar; mas dadas a público tomam o aspecto de sinceras e caricatas e algo imorais (segundo as Ligas Femininas da Moral).

Era fatal. Mais tarde ou mais cedo Clara viria a sofrêr as consequências dos seus actos e da sua imprevidência. E mal pensára ela que as suas cartas seriam o pômo do seu desequilíbrio. Devem conhecer a questão:

* * *

de inconsciência e vaidade, os seus madrigais. Marcava-lhes «rendez-vous» e entretinha-se assim olhando-os prêsos da «estrêla» e pensando talvez consigo. «Se eu não fôsse quem sou, por certo me não amarias assim...»

Clara era uma mulher de cultura rudimentar. Afóra a actividade cinematográfica não a prendia outra coisa; nem mesmo a literatura ou qualquer outro estudo artistico ou científico. Para passar o tempo fazia pois do *flirt* a sua predilecção. O peor foi o alvo das suas distrações converter-se por vezes em tragédia. Bob Sauvage, um rapaz enamorado, depois de várias promessas de casamento, nunca realizados, golpeou os pulsos e deixou correr o sangue. O tresloucado foi para o cemitério e Clara lamentou imenso o gesto do suicida confessando que não achára razão para tal gesto; os seus amores com êle nunca haviam passado duma brincadeira e se se convencera d o contrário, não o fôra culpa sua, acrescentava ela.

O triste acontecimento podia têr pôsto um freio à frivolidade da mulher do dia em Hollywood.

Mas não. Ela continuou a mesma róta. Depois de um, outro e outro. Atraíu homens mais notáveis, no cinema, no teatro e até na medicina.

Sempre a rir, sempre a brincar, até à imprudência de trocar correspondência deveras íntima na aparência e um tanto comprometedora para a sua pessoa.

Das cartas escritas, algumas são manifestações ridículas que podem muito bem têr sido feitas com a intenção de brigar; mas dadas a público tomam o aspecto de sinceras e caricatas e algo imorais (segundo as Ligas Femininas da Moral).

Era fatal. Mais tarde ou mais cedo Clara viria a sofrêr as consequências dos seus actos e da sua imprevidência. E mal pensára ela que as suas cartas seriam o pômo do seu desequilíbrio. Devem conhecer a questão:

* * *

A secretária de Clara, Daisy Dee Vore, abusando da sua confiança, roubou-lhe várias cartas das mais comprometedoras e ameaçou-a de *chantage*, caso não lhe satisfizesse determinadas exigências. Clara irritou-se ante tal desfaçatez e conseguiu a prisão dessa mulher. Mas para isso, o escândalo deu éco do tribunal à imprensa e todo o mundo ficou conhecendo a razão da atitude da conhecida *flapper*. Os jornais tinham assunto sensacional e não o desperdiçaram. As cartas foram publicadas e ela perdeu muito no conceito público. As famigeradas Ligas da Moral, da América, deram tambem em curar do assunto com a sua acção e foi um desastre. Clara

Bow caiu. Muito diplomaticamente os seus directores foram-se livrando dela. Destronada pela fôrça dos acontecimentos e doente abalou triste e chorosa para longe da Cinelândia.

Clara Bow, morrerá no cinema.

Instalada no rancho dum amigo, Rex Bell, «cow-boy» do cinema, restabeleceu-se ali fisica e moralmente ao que parece, dado o seu recente casamento com aquele actor.

Desaparecera portanto das revistas, durante uma temporada. A insistencia de então fraquejou ante a realidade dos factos e só de longe se lia uma pequena nota concertante à sua estadia de repouso. Os reporters alhearam-se completamente. Na América são assim: ou inquietam ao máximo, ou desaparecem tocando o desprezo.

Quando menos se esperava surge porêr a nova: Clara Bow volta ao cinema!

Um empresário americano, talvez na mira de explorar ainda o rico filão de algum tempo, contratou-a.

* * *

Nêste interregno adormecido a creadora do «It» fôra esquecida bastante. A vasta legião universal dos cinéfilos limpára já do catalogo actual da sua memoria o nome de Clara Bow. Apenas uma minoria de astrófilos doentios conserva latente a esperança de a acarinhar de novo em franca actividade, senhora do ex-dominio. E ês-

tes últimos veem agora uma nova alvorada do seu ideal. Converter-se-á ela em realidade? Eis o que é difficil de predizer, para quem conhece o espirito americano.

Clara tem de atalaia as Ligas Moralistas, essas temiveis associações de alem-atlantico e cuja acção concorreu imenso para a sua queda. E estas não permitirão tão facilmente a sua reposição no écran. Lembremo-nos de que Roscoe Arbuckle, o celebrado cómico Fatty de há anos, jamais conseguiu resurgir no cinema em virtude dos protestos dessas Associações na sua «justiça» de moralidade, implacável. E como Fatty outras, cujas vidas tropeçaram com ou sem culpa, em certos escândalos de hollywood.

REPORTER CINE.

Uma simplificação realizada por um português

O operador cinematográfico Artur da Costa Macedo, a quem o cinema português deve numerosos trabalhos de incontestável mérito, ao cabo de um ano de porfidos esforços, viu, finalmente, coroado de êxito as experiencias dum aparelho de sua invenção, com o qual se fáz a sonorização dos filmes por um processo mais simples e incomparavelmente mais barato do que os empregados, até agora, no estrangeiro.

Ontem, num cinema da capital, e perante alguns convidados, aquele distinto «camaraman» fez passar um pedaço de filme com um pequeno discurso registado.

A audição satisfez os assistentes que encorajaram Artur da Costa Macedo a terminar o mais breve possível a construção do seu aparelho de registo de sons.

Este operador cinematográfico tenciona, brevemente, apresentar um filme de curta metragem focando vários aspectos sonoros da cidade.

(Com a devida vénia transcrevemos de *O Diário de Notícias*, de Lisboa a notícia acima.)



Carta de Paris

(DO NOSSO CORRESPON-
DENTE PARTICULAR)

«Le Rosier de Madame Husson» Bernard Deschamps por conta do Comptoir Français Cinématographique acaba de realizar uma produção que não é exagerado qualificar de obra prima.

Em Ville les Roses, encantadora localidade da provincia francesa, vive Madame Husson, cuja maior ambição é glorificar a virtude. Com este fim resolve oferecer um prêmio de 500 francos à rapariga mais pura da cidade—belo exemplo de encorajamento numa sociedade tão corrompida como é a nossa!... Os escandalozinhos da terra, colhidos aqui e ali por Victoire, a fiel criada de M.^{me} Husson, demonstram que Ville les Roses não possui «Rosier»...! Mas eis que Isidore, o filho da fruteira, chama sobre si a atenção geral e, coisa curiosa, a municipalidade, de acordo com a boa M.^{me} Husson, decide nomea-lo «Rosier».

A ideia é excelente: Isidore está radiante, sua mãe está orgulhosa da honra concedida ao rapaz, todos estão de acordo. Realiza-se a cerimonia: Isidore todo vestido de branco, com um ramo de flôr de laranjeira no chapéu, é recompensado, solenemente. Toda a cidade assim como as gentes dos arredores aclamam o campeão da virtude. O pobre virgem emociona se e cai em choro desfeito quando lhe entregam o diploma. De repente ei-lo, todo sorridente de novo, que se escapa num autobus duma cidade vizinha para ir parar a uma terra desconhecida. Numa rua escura, uma casa iluminada, donde saiem os flons-flons duma música grotesca, atrai-o. Sem hesitar, entra. Uma rapariga vem oferecer-lhe os



FRANÇOISE ROSAY

seus encantos aos quais, aliás, êle não pôde resistir! E assim periclita e sucumbe a virtude do heroi do dia, de Ville les Roses.

Agora imaginem as complicadas e divertidas peripécias que se seguem ao desaparecimento do virtuoso môço e a cena final quando M.^{me} Husson em pessoa vai encontrar o rapaz... como Vocês podem supôr e este lhe prespega um grande beijo na bôca...

Este filme duma fantasia talvez ousada e assaz pouco recomendavel, é todavia uma verdadeira obra-prima de humor. Toda a película, impregnada duma franca côr local denota um aprofundado estudo dos habitos e costumes das pequenas cidades da provincia Bem conduzido, sem inutilidades, é de desejar que esta obra tirada da novela do celebre escritor francês Guy de Maupassant não tarde em ser exibida em Portugal.

Interpretação perfeita de Fernandel, Françoise Rosay, Collett Darfeuil e Marguerite Pierry.

Dois nomes a reter e dos quais se pode esperar muito: O Comptoir Français Cinématographique e Bernard Deschamps para os quais êste filme é um triunfo.

(Paris, fevereiro 32)

GEO POIRIER.

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO
PASSOS MANUEL
OLYMPIA
ODEON

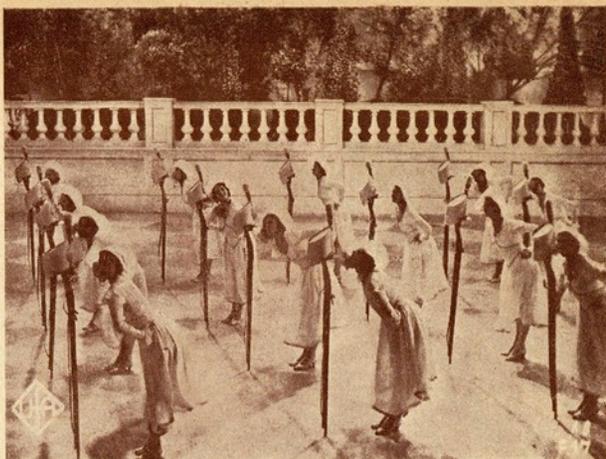
50 % de desconto em todos os lugares na
matinée do dia 12 de Março de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares na
matinée do dia 10 de Março de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares nas
matinées dos dias 10 ou 12 de Março de 1932.

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles
e Balção no dia 12 de Março de 1932.

Os cuidados dum realizador



É sempre interessante, para o público, saber tudo o que a composição dum filme pode dar de fadiga e de cuidados ao seu realizador; sobretudo se se trata duma película agradável, ligeira, fácil, que deve fazer esquecer ao espectador os aborrecimentos da vida quotidiana e conduzi-lo, durante algumas horas, através dum mundo de prazeres brilhantes. É preciso mostrar ao público o «outro lado» da confecção dum filme, não para lhe tirar as ilusões, mas para lhe fazer compreender que se trata dum trabalho bem complexo, quer a fita em questão seja uma história séria, quer seja alegre e agradável como, por exemplo, a última opereta cinematográfica de Emmerich Kalman: *Ronny*.

O trabalho do realizador Reinhold Schünzel, para *Ronny*, começou muito antes de se saber que se ia proceder à filmagem dessa obra. Primeiro, naturalmente, houve grandes e longas conferências com o autor do cenário. Depois, decisões a tomar com respeito a indumentária: da simples blusa de trabalho que Kathe de Nagy enverga, até aos seus lindos vestidos, que vieram direitinhos de Paris; desde o fraque principesco de Marc Dantzer até à cabeleira de Lucien Baroux. E acreditem que tudo isto fazia já com que o realizador «quebrasse a cabeça» algumas vezes...

E as «girls»! As «girls», às quais não bastava a beleza física, mas que deviam ainda saber dançar, e mesmo, o que é mais raro, saber cantar! Não era pois de espantar que, durante a fil-

magem, no estúdio, Reinhold Schünzel parecesse trasbordar de trabalho. Evidentemente que não era necessário indicar a Marc Dantzer que deveria fazer salientar o seu encanto principesco, ou a Kathe de Nagy que atitudes deveria tomar. Mas como as «girls» que davam que fazer... sobretudo aquelas que deviam cantar. As bailarinas foram rapidamente «mises au point», mas quando se ensaiou a canção «E' pouco, quatro domingos», com a colaboração da orquestra Mareck Weber, o realizador fartou-se de arrancar cabelos... Vocês imaginam. Depois de muitas repetições essa cena foi enfim afinada e, quando pronta. Reinhold Schünzel não pôde deixar de se regosijar... terminavam por momentos os desesperos, as pragas, as exclamações pouco fonogenicas, os gestos nada bonitos e as correrias dum lado para o outro, atendendo agora o grupo de «girls», depois a orquestra, depois o operador de som, depois... toda a gente.

Vocês imaginam bem os cuidados que tem de ter um realizador cinematográfico? Se é, durante diversas semanas o chefe dum grupo de artistas, éle tem de vigiar, tambem, todo o seu pessoal. Compreendem que uma cena realizada com actores extenuados não é positivamente bom trabalho. Assim o realizador tem de ver que cada qual possa repousar depois duma sessão que precisou de muitas repetições. Esta solicitude não deve aplicar-se só às vedetas, mas tambem ao mais infimo dos comparsas.

Uma vez estava Reinhold Schunzel absorvido em pensamentos profundos, sentado no seu trono—uma simples cadeira de coiro—no meio dum estado maior de colaboradores silenciosos e, tambem, meditativos. Schunzel tinha de resolver um problema sobre uma mesa de chá, uma mesa de chá, preparada para dois, para o «tea por two» que Kathe de Nagy tomaria em companhia do «Príncipe» no castelo de Gerusa. O realizador arranjava agora uma chavena, depois uma taça de cristal, ordenando tudo o que cobria a mesinha, até que, depois de sucessivas

(Conclui na ultima pagina)



Ilustram esta pagina duas imagens do filme «Ronny» que será apresentado em Portugal com o titulo «A Princesa Encantadora».

Escuta...

compra as
sedas, lãs,
peles e
botoes

na

CENTRAL
DOS
LOIOS

11-LOIOS-14
TELEF. 1599

~ PÓRTO ~





Aguia d'Ouro

apresenta na
proxima 2.^a feira

O super-fonofilme de
assunto policial

O Mistério da Casa Forte

admiravel produção alemã
dirigida e interpretada
pelo famoso artista

Harry Piel

com: Dary Holm, Elisabeth
Pinajeff, Hans Junkermann, etc.

Programa Castelo Lopes

Morreu

Leopoldo Frois

Atacado pela tuberculose, faleceu na passada quinta-feira, no «Neus Sanatorium de Davos Dory», perto de Davos-Platz, o conhecido interprete de «A Minha Noite de Nupcias», Leopoldo Frois.

Este querido artista era estimadíssimo tanto pelo público português como brasileiro, tendo nascido na cidade de Nicteroy, no Estado do Rio de Janeiro, no dia 30 de Setembro de 1882.

Frois estreou-se em Lisboa, no antigo teatro do Príncipe Real, na revista «O ano em 3 dias», original de Acácio Antunes e Machado Correia, desempenhando, entre outros, os papéis de «Capanga» e «Panamá».

Durante algumas épocas fez parte da Companhia José Ricardo-Amélia Lopicolo, na qual representou as peças «Velhos Gaiteiros», «Flor do Tojo» e a revista «Favas Contadas».

Umaz vezes no Brasil, outras em Portugal, fez parte de várias Companhias de opereta, até que organizou uma, de que era primeira figura a actriz Dolores Rentini, com a qual fez algumas temporadas em Lisboa e Porto e várias «tournées» ao Brasil, percorrendo quasi todos os Estados. Neste género representou Leopoldo Frois as operetas «Viuva Alegre», «Amor de Príncipes», «Sonho de Valsa», «Casta Suzana», «Princesa dos Dolares», «Família Polaca», «Maridos Alegres» e muitas outras. No teatro Apolo, e numa organização de comédia, representou «A mão misteriosa», «Sempre casto» e, com Angela Pinto no protagonista, fez o Coveiro do «Hamlet».

No Rio de Janeiro, no teatro Recreio e ao lado de Almeida Cruz representou inúmeras vezes a opereta «A casa das três meninas», que foi um grande éxito, tendo sido a sua corôa de glória no género musicado a interpretação do papel de «Tio Gaspar», da opereta «Os sinos de Corneville».

Leopoldo Frois era formado em ciências jurídicas e sociais, tendo deixado muitas produções literárias e poeticas e entre elas uma sentida canção que todo o Brasil sabe de cór: «Mimosa». Era official das nossas ordens de Sant'Iago da Espada e de Cristo.

Os homens preferem as louras?

(Conclusão)

pre cheias de optimismo. Não são materialistas. Não sofrem. São espirituosas, energicas, boas camaradas. São sempre as rainhas das festas, muito divertidas. Nunca se vê uma loura com o coração despedaçado.

«As morenas por outro lado, são amorosas e constantes. Inclinadas a pensar seriamente. Contemplam a vida com olhos graves. São caseiras por natureza. Ha algumas louras que nascem com a alma das morenas e apesar de terem a cutis e o cabelo claros são de natureza puramente morenas.

«Eu sou uma morena dos tipos e temperamentos bem escuros, disse-nos Anita Loos. «Sou um palhaço com alma trágica. Um certo psicologo prognosticou que eu morreria pelas minhas próprias mãos. Jamais se poderia imaginar uma loura com tal perspectiva, não é verdade?

«E os homens ainda preferem as louras?»

«Sim. Quando um homem está doente, realmente doente ou preocupado, ele prefere uma morena para o cuidar, animá-lo, mimá-lo e ter todos os trabalhos com ele. Mas nos seus momentos de alegria e divertimentos eles ainda preferem as louras.

Orita Lage.

OS CUIDADOS DUM REALIZADOR

(Conclusão)

mudanças, lhe pareceu ter achado a disposição ideal. Mas que trabalhos para chegar até aqui!...

Mas os cuidados do realizador nunca mais têm fim. Não basta que se revele «maitre d'hotel», chefe de orquestra, ensaidor de côros; é preciso que saiba ainda fazer economias. E isto é o mais difficil e o que merece mais atenções. Economizar a dispendiosa electricidade, economizar o tempo, porque no estudio, mais do que cá fóra, o tempo é dinheiro, economizar tudo, enfim...

Em estreito acordo com o director da produção estuda-se e decide-se previamente a duração das filmagens e o emprego do tempo é escrupulosamente reservado: isto quando se trata de cênas feitas no estudio, porque as cênas ao ar livre vão para a conta dos «casos de força maior».

Fazem agora uma pequena ideia do que são os trabalhos com que um realizador se tem de ver a braços?



DANSA

Ensino teórico e
— prático —

Peixoto Guimarães

Rua Mártires da Liberdade, 240

PORTO

A. Santos de Vasconcelos—Porto—Solange Bussi é a realizadora dum filme francês que ainda não vimos em Portugal: *Vagabonde*. Você naturalmente leu mal.

No verso do seu postal o amigo escreveu uns gatafufos, terminados por um ponto de interrogação, que eu não consegui entender. Que é que Você perguntava?

Um que ama—Porto—Bom proveito! Faz o meu amigo muitíssimo bem. Lá diz Ana Oranowska que «Celui qui n'aime pas demeure dans la mort». E quem é que o meu amigo ama? A Norma Shearer? A sua vizinha? Ou ambas? Você fala-me duma e doutra com igual entusiasmo e de tal maneira misturando a admiração por uma e por outra que me deixou seriamente atrapalhado... A sua vizinha não sei, mas a Norma Shearer é o suco da graciosidade e do encanto femininos!!

Não gostei do conflito desenvolvido em *A Divorciada*. Acho-o insensato. E Você? Sou da sua opinião, o único interprete que falava bem inglês era Conrad Nagel.—Pode escrever-me quando quiser, palestraréi consigo com muito gosto.

Um Académico—Porto—Nós de tarde andamos sempre muito ocupados. Temos de olhar pela nossa vida. Se Você esperou vêr-nos nessa matinée, ficou desapontado com toda a certeza.

Um apaixonado pela Lily Damita—Rio Tinto—Outro apaixonado!... Seja bemvindo. Terei muito prazer em o contar no número dos membros da «minha família» cinéfila. Pode assinar a nossa revista na altura que muito bem entender. Cada série de 25 números custa doze escudos e cinquenta centavos (pagamento adiantado). Lily Damita receberá a sua declaração

de amor em qualquer língua (menos em língua afiabrada ou «línguas de gato») nos Radio Pictures Studios, 780 Gower St., Hollywood, Calif., U. S. A. O camarada Chevalier espera com ansiedade o seu pedido de fotografia, redigido em francês ou inglês, ou português, no Paramount New-York, Studio Long Island City, N. Y., U. S. A. Ambos ficarão muito contentes e satisfarão os seus desejos, se o meu amigo lhes mandar um mínimo de 25 centimos americanos a cada um. Nem porisso gostei de *Nos lábios... não*. Não tenha dúvidas, a Lilian Harvey está o que se chama um amor. Vale bem o triplo da «sua» Lily... Não maçou nada. Escreva sempre. Agradeço e retribuo o abraço.

Almeirinho—Espinho—E' sim senhor. Esse caso deve ser tratado particularmente com os interessados. Eu com isso nada tenho.

Cinéfilo tripeiro—Porto—Ena pai! Isso é que é bairrismo!... para nós muito agradável, aliás. A sua carta tem bocados muito pândegos. Essa de achar que o «Cinema» e a «Invicta-Cine» parecem um casal de pombos é de primeira ordem. O Lino diz que já sente crescer asinhas... A mania desse camarada é natural. Você que quere? Todos nós temos as nossas manias: a minha é o praismo; a do Soutinho é o brasileirofobismo; o Alves Costa houve um tempo que só pensava em mulheres com café com leite e só cantava canções brasileiras (agora parece que mudou de cor e de música); o Alberto Pereira, então... deu-lhe para para o «estrelismo» (não confundir com histerismo...). Eu se fosse à esposa dele e ele me viesse lá com a «Sylviazinha, a Glorynha, a Janetzinha... Diana... O Céu» eu pegava numa vassoura e dava-lhe com ela até lhe caírem os últimos cabelos que lhe restam...

Pode assinar a revista em que altura quiser. E' só mandar 12\$50 em carta registada e dizer em que número quere começar o receber a «Invicta». Como vê, nada mais simples.—Obrigadíssimo pelo abraço. Continui a aparecer por cá.

Triste—Povoa—Não esteja triste amigo. Olhe que eu quando vi aquele «lindo» papel em que um dos números anteriores foi impresso, desatei-me a rir. Primeiro porque julguei que à falta de outro se tivessem servido de papel... higiênico; segundo, pela meia dúzia de coisas engraçadas que a revista tinha, como por exemplo uma Norma Shearer de

monócolo... Não há bem que sempre dure nem mal que nunca acabe. Deixe-lá, não pense nisso...

A Menina da franjinha—Porto—Estou mais ou menos de acôrdo com a sua opinião sobre o argumento de *A Divorciada*. E' uma pena que uma boa realização tenha sido estragada por um cenário tão tólo. Com a segunda parte da sua carta estou em desacôrdo. O homem (e quem diz o homem, diz a mulher) quando ama, ama inteiro. «O amor é uma conjugação somato-psíquica». Você poderá mais tarde ter a confirmação disto... e por experiência própria.

Maria Cachucha com quem dormes tu—Coimbra—Oh homem, encolha-me esse pseudónimo. Gostei da sua carta e o que conta é deveras interessante. Mostrei-a ao Director e recomendei-lhe que a publicasse. E' uma prova de que nada me veio incomodar. Um grande abraço de agradecimento pela amizade que diz nutrir pela nossa revista.

A. R.—Gaia—Pode mandar Ver-se-á depois.

Fernando Mach do Vieira—Porto—Um dia saberá porque foi adiada a estreia de *Viva a Liberdade!*. Não perca, todavia, as esperanças de ainda ver esse filme. Sylvia Sidney está na Paramount. Pode escrever-lhe para lá. Sempre às ordens.

Artur...—Porto—Artur quê? Não percebi o seu apelido. Já aqui disse mais de mil trezentas e quarenta e nove vezes e meia que não respondo a perguntas sobre as intimidades das artistas de cinema, nem sequer sobre a cor dos olhos e dos cabelos, ou sobre o cumprimento das unhas dos pés,

ou ainda sobre quaisquer e idênticas picuinhas. Quere um conselho? Pergunte essas coisas todas ao camarada «Cine T» —que mais valia chamar-se «simate»...—do jornal «Pirólito». Ele que o ature. Talvez até arranje assunto para algumas boas «blagues»...

Cinéfilo debutante—Porto—Caramba! Tanto entusiasmo junto ia-me fazendo perder o equilíbrio... Vejo que a sua passeata a Lisboa o deixou radiante!... Então essa *Tragédia da Mina* é um colosso! Creio bem que sim. Estou morto que seja cá exibido esse filme. Depois lhe direi o meu parecer. Ainda não recebi o postal, todavia, obrigado. Retribuo o abraço.

Guidita—Porto—Você estava tão tristonha desta vez!... Eu logo vi porque era... Você não se quere convencer de que os homens são todos uns marotões... e de que Aquele (com A grande) ainda é peor que os outros todos juntos... Isso passa-lhe. Tenha esperança. Ele é capaz de voltar. Quem sabe se não terá já saúdaes dos tempos passados...—Essa resolução, de sua família, de só de longe ir ao cinema, é grave. Eu se fosse a Você revoltava-me contra essa tirania. E é logo agora que os cinemas tem falta de público que resolvem uma coisa dessas! Não há o direito... No número anterior já lhe agradei a sua fotografia assim como respondi à sua carta. E' verdade: parece-me que afinal Você já não está zangada comigo. Fez bem. De contrário... era tempo perdido... Adeus simpática amiguinha, fico com saúdaes duma nova carta sua.

AMOK

Fotografia Guedes

O mais completo atelier fotográfico

Telefone, 2680

— NEVES GUIMARÃES —

346, Rua Santa Catarina, 350

Entre os grandes filmes que
Castelo Lopes, L.^{da}
apresenta esta época
no Porto, destacam-se:

O MISTERIO DA CASA FORTE - com: Dary Holm
e Harry Piel

com: Alice Cocéa e - **A VIRTUDE DE NICOLE**
André Roane

A CORRIDA PARA A LUA - com: Bebé Daniels e
Douglas Fairbanks

com: Janine Guise e - **NOITES DE VENEZA**
Roger Trévile

O REI DA BANDA - com: o famoso comico
Georges Milton

com: Jean Harlow e Ben Lyon - **OS ANJOS DO INFERNO**

UMA MULHER NO PARAISO - com a encantadora
Anny Ondra

com: Mary Pickford e - **A FERA AMANSADA**
Douglas Fairbanks.

A MULHER DE UMA NOITE - com: Francesca Ber-
tini e Jean Murat.